

UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM DOS BEBÊS DE 0 A 2 ANOS

Bruna Dal-Bó Fernandes¹
Gislene Camargo²

RESUMO: Este artigo procura explicar o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês de 0 a 2 anos, relatando as principais características que aparecem nessa fase de desenvolvimento, refletindo sobre as relações que os bebês estabelecem e de que maneira essas relações contribuem para sua aprendizagem. Problematicou-se então: Como a Psicopedagogia avalia o processo de desenvolvimento dos bebês de 0 a 2 anos e sua relação com as aprendizagens? Essa pesquisa caracteriza-se por ser bibliográfica e embasada em autores como Winnicott (1982), Piaget (1991), Fernandez (1991), entre outros. Conclui-se que na visão psicopedagógica, a relação positiva entre mãe-cuidadora e bebê é uma das atribuições mais imprescindíveis que a mãe-cuidadora pode fazer nos primeiros anos de vida de um filho, pois ela contribui com o desenvolvimento de suas aprendizagens. Nesse sentido, compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem é fundamental para a mãe-cuidadora, a fim de acompanhar e contribuir para um desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Psicopedagogia. Aprendizagem.

ABSTRACT: This article seeks to explain the development and learning of babies from 0 to 2 years old, reporting the main characteristics that appear in this stage of development, reflecting on the relationships that babies establish and how these relationships contribute to their learning. The question then arose: How does Psychopedagogy evaluate the development process of 0 to 2 year old babies and their relationship with learning? This research is characterized by being bibliographic and based on authors such as Winnicott (1982), Piaget (1991), Fernandez (1991), among others. It is concluded that in the psychopedagogical view, the positive relationship between mother-caregiver and baby is one of the most essential attributions that the mother-caregiver can do in the first years of a child's life, as she contributes to the development of her learning. In this sense, understanding how the teaching and learning process takes place is fundamental for the mother-caregiver, in order to accompany and contribute to a healthy development.

Keywords: Development. Psychopedagogy. Learning.

¹ Pós Graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional - UNESC, Pedagoga pela UNESC.
brunadalbo@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Coordenadora e professora do curso de Pedagogia da UNESC. Psicopedagoga Clínica e Institucional – UNESC. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas, Saberes e Práticas na Formação de Professores. gislene@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o desenvolvimento dos bebês de 0 a 2 anos, numa perspectiva psicopedagógica. As literaturas trazem esse momento do nascimento aos dois anos como fundamental para as aprendizagens dos bebês. Desse modo, surgiu a necessidade de investigar esse período etário, pelo olhar da Psicopedagogia. Problematicou-se então o tema: Como a Psicopedagogia avalia o processo de desenvolvimento dos bebês de 0 a 2 anos e sua relação com as aprendizagens? Diante do exposto, delineou-se os objetivos: Analisar e avaliar a partir da ótica psicopedagógica o processo de desenvolvimento dos bebês de 0 a 2 anos e sua relação com as aprendizagens; Investigar a relação mãe-cuidadora/bebê e qual a sua importância para o processo de aprendizagem dos bebês de 0 a 2 anos; Compreender o processo de desenvolvimento dos bebês de 0 a 2 anos e quais as principais características dessa fase; Compreender como os bebês de 0 a 2 anos aprendem.

A Psicopedagogia é a área do conhecimento que tem como objeto de estudo o aprender e o não aprender, nesse sentido, investigar o desenvolvimento dos bebês pela sua ótica, remete a um olhar diferenciado para o aprender e o não aprender. Na sociedade atual, as mulheres ocupam o mercado de trabalho, ficando com seus bebês no período de licença maternidade. Isso implica que a maioria das crianças frequenta a instituição de Educação Infantil desde os primeiros meses de vida, o que atribui a essa pesquisa grande relevância para as educadoras. Uma das modalidades da Psicopedagogia, é a atuação em escolas, com o objetivo de prevenir fraturas no processo de ensinagem, e certamente, o conhecimento do desenvolvimento integral dos bebês pelas educadoras, pode fazer a diferença nas modalidades de aprendizagem que irão se construindo.

Esse artigo é resultado de uma pesquisa metodológica bibliográfica, que buscou respostas aos objetivos, dialogando com os autores. O artigo foi organizado por sessões, sendo a primeira introdutória, seguida do referencial teórico, análise de dados, conclusão e referências.

A presente pesquisa é do tipo básica, que para Bazanella et al., (2013) tem o intuito de desenvolver novos conhecimentos, fundamentais para o progresso da ciência, sem o

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

emprego da prática esperada, de fato, esta engloba interesses e verdades coletivas. Deste modo, a pesquisadora procura satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento, sendo que seu propósito é a compreensão dos dados levantados.

Quanto aos objetivos, tratou-se de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008) tem como propósito primordial, desenvolver, elucidar e transformar concepções e ideias, visando a caracterização de problemas mais definidos ou suposições pesquisáveis para estudos futuros, por isso, para tal é imprescindível a contribuição do embasamento bibliográfico. Que neste artigo, para a pesquisa bibliográfica foram utilizados livros físicos e artigos científicos da internet. Sobre este tipo de pesquisa, Gil (2008, p. 50) ressalta que é “[...] a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”. Para a autora, estes materiais sejam eles de fontes eletrônicas, bibliográficas e documentais são fundamentais e necessários, pois auxiliam no desenvolvimento do raciocínio e na sustentação das ideias, tornando determinado assunto enriquecedor.

O referencial teórico traz uma breve explanação sobre a história da psicopedagogia e suas contribuições, qual o papel do psicopedagogo e um olhar psicopedagógico para o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês de 0 a 2 anos. A fase de 0 a 2 anos é de suma importância para o desenvolvimento, e de crescimento inigualável a qualquer outra fase da vida do ser humano, dessa forma, o texto discorre sobre o que acontece nessa fase de desenvolvimento, quais as principais características, e de que maneira os bebês estabelecem suas relações, como se relacionam com o mundo e como aprendem.

Fala também da importância de uma gestação saudável e de como a mãe que está gestando precisa estar saudável emocionalmente, pois é a partir da mãe que o bebê estabelece suas primeiras relações com o mundo. Ainda na barriga da mãe o bebê recebe toda a energia, positiva ou negativa que a mãe está sentindo. A maneira como o bebê é recebido, se é aceito ou não, influencia diretamente no seu desenvolvimento.

Autores como Goulart (2013), Piaget (1991), Winnicott (1982), Bossa (2000; 2019), Fernandez (1991), Fontana (1997), Reichert (2016), entre outros, embasam e estruturam essa pesquisa.

2 A PSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A psicopedagogia surge da necessidade de uma compreensão clara do processo de aprendizagem, do aprender e do não aprender, nasce também de uma necessidade de “resolver” o fracasso escolar e compreender os distúrbios de aprendizagem.

Historicamente, a preocupação com os problemas de aprendizagem teve início no século XX, as pesquisas e estudos na área foram se desenvolvendo e surgiram então teorias que buscavam responder questões relacionadas aos distúrbios de aprendizagem e do fracasso escolar (BOSSA, 2007).

Na década de 60, acreditava-se que o fracasso escolar estava relacionado à patologia do indivíduo, tais como: disfunção cerebral, deficiências, distúrbios, transtornos e que eram resolvidos com medicamentos. Na década de 70 surgiu a teoria de que o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem estavam relacionados às deficiências de saúde, como desnutrição, falta de higiene, etc. Na década de 80, surgiram novos estudos que observavam não só o sujeito aprendiz, mas também as condições de ensino na escola, e abordavam não apenas as questões terapêuticas (psicopedagogia clínica) mas também começavam a pensar e estudar atuações preventivas (psicopedagogia institucional). Os estudos da década de 80 e 90 revelaram muitos avanços na discussão do fracasso escolar que contribuíram para a compreensão da psicopedagogia e do fenômeno da aprendizagem (BOSSA, 2007).

A psicopedagogia se constitui em um campo de conhecimento que se ocupa das questões da aprendizagem e, por conseguinte, da não aprendizagem. A psicopedagogia busca em diversas áreas do conhecimento, tais como: neurologia, psicologia, psicanálise, linguística, pedagogia, entre outras, conhecimentos necessários para dar suporte e uma maior compreensão do processo de aprendizagem. Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp, 2019, p. 1):

Psicopedagogia é uma área do conhecimento, atuação e pesquisa que tem como objetivo de estudo principal a aprendizagem e os desvios do aprender. Atua na confluência das áreas de Educação e Saúde, utilizando métodos instrumentais e recursos próprios para compreender, promover, diagnosticar e intervir nos processos

individuais ou grupais de aprendizagem.

Os processos de ensino e aprendizagem para a Psicopedagogia necessitam de sujeitos em interação, sujeitos que ensinam e aprendem, nesse contexto, Fernandez (1991) afirma que para aprender, necessita-se de dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. Ou seja, toda aprendizagem se dá por meio das relações que estabelecemos com o objeto de conhecimento ou com o outro.

O ser humano para aprender deve pôr em jogo:

- Seu organismo individual herdado;
- Seu corpo construído especularmente;
- Sua inteligência autoconstruída interacionalmente e a arquitetura do desejo (FERNANDEZ, 1991, p. 47).

O Psicopedagogo, portanto, vai ter esse olhar sobre o sujeito, olhá-lo como ser integral, como sujeito emocional, cognitivo, social, histórico, cultural, político, entre outros, levando em consideração tudo que esse sujeito traz consigo, sua história de vida e suas relações, e vai perceber esse sujeito como um todo, que é parte de um todo. O papel do psicopedagogo é então, tirar esse sujeito do lugar de “não aprendizagem”. Bossa (2000, p. 11) afirma:

[...] nós nascemos com uma tendência nata para a aprendizagem. Nesse sentido, basta lembrarmos que iniciamos nosso processo de aprendizagem bem cedo. Aprendemos a mamar, falar, andar, pensar e um milhão de outras coisas que vão garantir nossa sobrevivência e nos tornar humanos. Dizem ainda as teorias que a curiosidade é também uma característica que surge bem cedo na nossa vida. Por volta dos três anos já somos seres curiosos, capazes de construir as primeiras hipóteses a respeito da nossa existência. Logo, a aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na nossa espécie e, se não estão ocorrendo, existe uma razão, pois uma lei da natureza está sendo contrariada. É preciso então identificar a causa dessa falha para que a vida possa seguir seu curso normal.

Diante disso, podemos afirmar que a aprendizagem deveria ocorrer de forma natural e espontânea, e que ocorrendo dessa maneira tornar-se-ia prazerosa. Aprender, conhecer, descobrir, pensar, deve ser prazeroso, se não for, alguma coisa está errada. Podemos dizer então, que a psicopedagogia atua na prevenção do sofrimento do aprender. Fernandez

(1991, p. 18) afirma que “[...] Nossa principal tarefa com relação aos pacientes é ajudá-los a recuperar o prazer de aprender”.

O psicopedagogo pode atuar na clínica e nas instituições. Tanto a Psicopedagogia Clínica quanto a Institucional possuem características próprias de atuação. Para Bossa (2019, p. 1):

O psicopedagogo clínico procura compreender a forma global e integrada dos processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno.

Em relação a atuação do psicopedagogo institucional, Bossa (2019, p. 1) afirma:

O psicopedagogo institucional na escola, utiliza instrumento especializado, sistema específico de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em sua individualidade e auxiliá-los em sua produção escolar e para além dela, colocando-os em contato com suas reações diante da tarefa e dos vínculos com o objeto de conhecimento. Cabe, ainda, assessorar a escola, alertando-a para o papel que lhe compete.

O fazer psicopedagógico é de certa forma complexo, pois vai além de ter suporte teórico, o psicopedagogo precisa ter sensibilidade, percepção, juntar saberes, transitar entre as diversas relações e trabalhar com o aprendente ensinando as possíveis saídas para aquela dificuldade apresentada.

Mesmo diante do explanado para obter uma compreensão clara sobre a psicopedagogia precisamos compreender as concepções de aprendizagem e as modalidades de aprendizagem, já que este é o campo de atuação da psicopedagogia.

No século passado entendia-se que cada sujeito nascia com todas as capacidades dentro dele, nascia pronto, tudo que ele iria desenvolver, aprender e ser era uma questão de tempo, à medida que o sujeito crescia e amadurecia as suas capacidades se manifestavam, pois acreditava-se que o homem herdava toda a sua capacidade dos pais, tudo era pré-determinado e o processo de aprendizagem independia da experiência, porque toda a aprendizagem desse sujeito já está biologicamente determinada. Esse conceito de

aprendizagem chama-se inatismo ou apriorismo, onde a aprendizagem está centralizada no sujeito. Essa tendência pedagógica surgiu a partir das ideias e filosofias de Platão, Descartes e Kant (FONTANA, 1997).

Outro movimento aconteceu no início do século XX, Skinner um teórico ambientalista, afirmou que há inúmeras possibilidades genéticas e que esse fator não é determinante na aprendizagem. Skinner defendia a ideia de que o sujeito nascia como uma folha em branco e que a aprendizagem ocorria a partir das suas experiências e vivências. Essa teoria se opõe completamente ao inatismo, pois diz que a criança ou o sujeito pode aprender e ser educado independente das suas características genéticas, ou seja, é possível condicionar a aprendizagem, pois para o sujeito aprender vai depender dos estímulos que ele recebe. Esse conceito de aprendizagem chama-se comportamentalismo ou ambientalismo, onde a aprendizagem está centralizada no ambiente ou objeto de conhecimento. Watson, psicólogo behaviorista também contribuiu com seus estudos para o desenvolvimento dessa tendência pedagógica (FONTANA, 1997).

Porém essas duas concepções de aprendizagem não eram satisfatórias e existiam muitas dúvidas em relação a elas. E foi a partir dessa insatisfação que Piaget, um biólogo suíço, por volta de 1925 começou a dedicar-se a observar e estudar o desenvolvimento dos bebês. Piaget desenvolveu uma teoria interacionista que chamamos de “construtivismo”, e compreende que a aprendizagem se dá por assimilação e acomodação (o conceito de assimilação e acomodação será abordado em frente) e também descreve o desenvolvimento infantil por períodos ou fases. Esses períodos são: período sensório-motor, período pré-operatório, período operatório concreto e período operatório formal (FONTANA, 1997).

Piaget (1991) afirma que o sujeito não aprende apenas aquilo que lhe foi herdado geneticamente e nem que a aprendizagem depende só do ambiente em que o sujeito está inserido e dos estímulos que ele recebe, mas que a aprendizagem ocorre quando há uma interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento (meio). Nessa abordagem a ênfase não está nem no sujeito, nem no meio, mas na interação entre eles, logo, a aprendizagem é uma construção, um processo. É nesse processo de construção da aprendizagem que podemos observar a assimilação e a acomodação. Na interação do sujeito com o meio, o sujeito se apropria de elementos presentes no meio, levanta hipóteses, e organiza essas hipóteses a partir

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

do que já conhece ou do conhecimento que já domina, esse processo de apropriação, de construção, Piaget chamou de assimilação. A acomodação ocorre quando as hipóteses que o sujeito levantou a partir do que ele já conhece são modificados, criando assim outro conhecimento e ampliando os saberes do indivíduo, a acomodação é a efetivação da aprendizagem.

Fernandez (1991) afirma que para compreendermos as modalidades de aprendizagem, sejam elas sadias ou não, é necessário compreender o conceito de assimilação e acomodação. Cada sujeito tem uma maneira de aprender, própria, particular, pessoal, essa maneira de aprender chama-se “modalidade de aprendizagem”. Segundo Fernandez (1991, p. 107):

Em cada um de nós, podemos observar uma “modalidade de aprendizagem”, quer dizer, uma maneira pessoal para a aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. Tal modalidade de aprendizagem constrói-se desde o nascimento e por ela nos deparamos com a angústia inerente do conhecer-desconhecer. A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem.

Logo, podemos afirmar que a modalidade de aprendizagem é a maneira com que cada indivíduo aprende, faz as suas relações, configura o seu pensar. Porém nem toda modalidade de aprendizagem é saudável.

Analisando a forma como operam as modalidades de aprendizagem, poderemos distinguir três grandes grupos de modalidades (organizações) que perturbam o aprender: Hipoassimilação-hipoacomodação; Hiperassimilação-hipoacomodação; Hipoassimilação-hiperacomodação. Há uma quarta possibilidade que deveria nomear-se como um conjunto ilimitado de modos saudáveis que possibilitam o aprender: Alternância variável entre assimilação – acomodação (FERNANDEZ, 2001, p. 81).

Compreender as modalidades de aprendizagem é de fundamental importância para o psicopedagogo e para os profissionais de educação, para que possam atuar de maneira eficaz com seus alunos ou atendidos. Sara Paín (1985, p. 47 e 48) explica as modalidades de aprendizagem do seguinte modo:

Hipoassimilação: os esquemas de objeto permanecem empobrecidos, bem como a capacidade de coordená-los. Isto resulta em um déficit lúdico e na disfunção do papel antecipatório da imaginação criadora;

Hiperassimilação: pode se dar uma internalização prematura dos esquemas, com um predomínio lúdico, que, em vez de permitir a antecipação de transformações possíveis, desrealiza negativamente o pensamento da criança;

Hipoacomodação: que aparece quando o ritmo da criança não foi respeitado, nem sua necessidade de repetir muitas vezes a mesma experiência. Sabemos que a modalidade da atividade do bebê é a circularidade, mas esta não pode ser exercitada no caso de perder-se o objeto sobre o qual se aplica; isto, por sua vez, atrasa a imitação adiada e, portanto, a internalização das imagens. Assim, podem aparecer problemas na aquisição da linguagem, quando os estímulos são confusos e fugazes;

Hiperacomodação: acontece quando houve superestimulação da imitação.

A modalidade de aprendizagem de cada sujeito se constitui a partir das relações que são estabelecidas com o meio, da maneira com que este sujeito foi recebido (desde a sua concepção), como seus primeiros ensinantes (família) se relacionavam com ele, e da forma com que o sujeito interioriza, significa e ressignifica essas relações.

A primeira relação que qualquer indivíduo estabelece com o mundo é construída a partir da mãe, portanto, no capítulo a seguir abordar-se-á essa relação.

3 MÃE: A PRIMEIRA RELAÇÃO DO BEBÊ COM O MUNDO

Quando acontece a concepção, a mulher nem sabe ainda que está grávida, mas inicia um processo de transformação no seu corpo e nas suas emoções. Seu corpo se prepara para gestar, ocorrem alterações hormonais, seu sono modifica, a mulher pode sentir mais fome ou náuseas. E com a descoberta da gravidez surgem muitos sentimentos e emoções, podem surgir inseguranças, medo, alegria, euforia, aceitação ou rejeição. A mãe é a primeira ensinante, é aquela que possibilita as primeiras relações com o mundo.

As relações mãe e filho iniciam então pelos próprios sentimentos da mãe. Ela é a primeira responsável pela acolhida desse novo ser em seu corpo. “O útero é o primeiro ambiente do bebê. A aceitação vital e enérgica desse habitat terá representação de aceitação ou rejeição já nos primeiros momentos da vida. O mais primitivo vínculo humano acontece dentro da barriga da mãe” (REICHERT, 2016, p. 103), a partir dessa fala pode-se afirmar que é no útero que o bebê já estabelece as suas primeiras relações com o mundo por intermédio da

mãe. A maneira com que essa mãe vê o mundo, se relaciona com ele, estabelece as primeiras percepções do bebê em relação ao mundo.

Diversas pesquisas identificam que o bebê, ainda antes do nascimento, é um ser inteligente e sensível que revela vida afetiva e emocional estreitamente vinculada à sua experiência relacional com a mãe. E que ele capta os estados emocionais e a disposição afetiva materna com ele (REICHERT, 2016, p. 109).

Portanto a saúde emocional dessa mãe que está gerando é de extrema importância, para que ela não gere um ambiente nocivo ao bebê que está se desenvolvendo no útero. Uma gravidez indesejada, uso de drogas e medicações, tentativa de aborto, um ambiente hostil e estressante, podem causar muitos danos ao bebê, já que este está ligado afetivamente com sua mãe. Tudo aquilo que ela vivencia, o bebê também vivencia. Da mesma forma que o ambiente nocivo prejudica o desenvolvimento, um ambiente saudável, uma gravidez desejada, alimentação adequada, favorecem o desenvolvimento do bebê e possibilita uma ligação afetiva positiva entre mãe e filho.

Através de equipamentos sofisticados de imagem e ultrassom, explorados pela neurociência, o desenvolvimento fetal hoje pode ser observado e analisado. As imagens revelam e ratificam... o feto sente, cheira, saboreia, ouve vozes e ruídos externos. E, também, se acalma ou se agita de acordo com o estado emocional da mãe (REICHERT, 2016, p. 116).

Não apenas as emoções da mãe afetam e interferem no desenvolvimento do bebê, mas também todas as suas escolhas, inclusive as escolhas referentes à sua alimentação interferem no paladar do bebê que está crescendo e se desenvolvendo no útero. Suano e Sarni (2017, p. 52) afirmam que “[...] Degustar um cardápio com grande variedade na gravidez aumenta a exposição aos sabores e favorece a aceitação de alimentos mais adiante, na primeira infância”. Porém a importância do vínculo materno não se restringe apenas no período gestacional, mas durante toda a primeira infância da criança, principalmente dos 0 aos 2 anos, que é o período de maior desenvolvimento biológico do ser humano.

Winnicott (1982, p. 17) fala da importância do vínculo materno na infância para uma vida adulta saudável:

Para que os bebês se convertam, finalmente, em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, dependem totalmente de que lhes seja dado um bom princípio, o qual está assegurado, na natureza, pela existência de um vínculo entre a mãe e o bebê: amor é o nome desse vínculo.

A mãe é o primeiro objeto de amor, é a principal fonte de aprendizagem, de contato com o mundo e com a realidade. Após o nascimento do bebê a mãe vai conhecendo seu bebê, ao mesmo tempo vai ensinando e mostrando a vida para ele, por exemplo, a mãe observa se o bebê está incomodado, com fome, com sono e simultaneamente que ela supre a necessidade do seu bebê, ela vai ensinando-lhe como dormir, aos poucos vai estabelecendo horários de amamentação. É uma troca, um vínculo que vai se estabelecendo e se estruturando desde a concepção e que é contínuo. E à medida que o bebê vai crescendo e o vínculo com a mãe sendo fortalecido, esse bebê, seguro de si, descobre um mundo além da mãe.

3.1 Os bebês e o seu mundo

Como falado no capítulo anterior, dos 0 aos 2 anos é o período de maior desenvolvimento biológico do ser humano, também é um dos períodos mais importantes e significativos, são anos de formação, logo são anos decisivos para o desenvolvimento emocional. Reichert (2016, p. 147) sobre os primeiros anos de vida diz: “[...] A influência das fases iniciais é incalculável. Elas sustentam os degraus de todo ciclo vital. Os primeiros anos de vida formam o alicerce da estrutura psíquica”.

Embora cada bebê se desenvolva dentro do seu ritmo e das suas características, existe um padrão de desenvolvimento típico no qual pode-se acompanhar e observar. Alguns estudiosos classificam o desenvolvimento por fases ou estágios.

O primeiro estágio ou primeira fase de desenvolvimento é chamada de sensório-motor, como denominou Piaget, esse estágio vai desde o nascimento até aproximadamente os dois anos de idade. Para Goulart (2013, p. 31) esse primeiro estágio “[...] é denominado sensório-motor porque nele se verifica uma coordenação sensório-motora da ação baseada na evolução da percepção e motricidade”. Nesse período de desenvolvimento o bebê desenvolve, aprende, cresce e experimenta o mundo por meio dos sentidos. Além dos

sentidos, a afetividade também é fator fundamental, pois toda a aprendizagem tem relação com a afetividade, e com os bebês não é diferente, segundo Reichert, (2016, p. 152) “[...] Os pesquisadores contemporâneos têm comprovado a importância dos vínculos afetivos nos primeiros momentos da vida, quando o bebê incorpora o olhar e o corpo da mãe, com seus cheiros, calores e acolhimento”.

Todo o período sensório-motor envolve os sentidos da criança, os estímulos que ela recebe e a afetividade para que o bebê cresça e se desenvolva de maneira saudável. Piaget (1991, p. 16) sobre o período sensório motor:

O período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. Muitas vezes mal se suspeitou da importância desse período; e isto porque não é acompanhado de palavras que permitam seguir, passo a passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos, como mais tarde. Mas, na verdade, é decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança.

Esse período de desenvolvimento é dividido em seis subestágios, que são eles:

Exercício reflexo; Reações circulares primárias; Coordenação de visão, preensão e começo das reações circulares secundárias; Coordenação dos esquemas secundários; Diferenciação dos esquemas de ação por reação circular terciária; Início da interiorização dos esquemas. Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores, o essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas, sobre as quais se edificam novas características (PIAGET, 1991, p. 13).

O capítulo a seguir explana as características dos seis subestágios descritos com os principais indicativos do desenvolvimento infantil dos 0 aos 2 anos numa perspectiva psicopedagógica.

4 PRINCIPAIS INDICATIVOS DO DESENVOLVIMENTO DE 0 A 2 ANOS NUMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

A vida pós uterina dos bebês é definida por um desenvolvimento significativo, tudo é novo para este novo ser, existe um mundo a ser desbravado e descoberto. O desenvolvimento ocorre de maneira gradativa, porém muito rápida e para acompanharmos esse rápido e significativo desenvolvimento vamos descrever os principais indicativos a partir dos subestágios descritos por Piaget.

Para Piaget (1991), o exercício reflexo é o primeiro subestágio e se estende pelo primeiro mês de vida do bebê, onde as atividades são reflexas, ou seja, são atividades instintivas, coordenações sensoriais e motoras, como por exemplo, a sucção, o que não quer dizer que o bebê irá mamar perfeitamente nos primeiros momentos da vida pós-uterina, mas que essa atividade é instintiva e vai sendo aperfeiçoada. Nessa fase, o bebê também reage a luz, reflexo puramente instintivo, como por exemplo, se ele for colocado de frente para o sol fechará os olhos, assim como luzes coloridas que piscam e se movimentam o deixam fixado.

O bebê também reconhece sons e reage a eles de maneiras diferentes e instintivas, como um barulho extremamente alto, irá assustá-lo ou o som suave de uma voz, ele irá procurar de onde vem. O choro também é considerado uma atividade reflexa, afinal, toda e qualquer necessidade da criança é expressa por ele. Ainda nessa fase o bebê pode demonstrar euforia, agitação ou alegria nos seus movimentos, movimentos esses que são bruscos e reflexos. Nesse sentido, a presença da mãe pode fazer a diferença, pois o bebê deve sentir o acolhimento e a segurança. Para a psicopedagogia a figura materna representa a simbiose, onde o vínculo é tão expressivo que não se sabe onde começa um e onde começa o outro.

Nesse primeiro subestágio é possível perceber uma grande habilidade de adaptação da criança, que conforme Piaget (1991), ela se adapta ao “novo” ambiente, às pessoas que convivem com ela, inicia uma rotina coordenada pelos seus cuidadores. De acordo com estudos psicopedagógicos, a maternagem não é necessariamente realizada pela mãe, mas por um cuidador que cumpre esse papel.

Outra aprendizagem que faz parte do desenvolvimento dos bebês, é denominada por Piaget (1991), como “reações circulares primárias”, dura aproximadamente dos dois aos quatro meses de vida. Essas “reações” dependem da atividade da criança, e pode-se dizer que contribui para a formação dos primeiros hábitos. A criança repete o movimento que fez de

forma casual, por exemplo, ela levantou a perna ou o braço, observou esse movimento e passa a repeti-lo. Embora a criança não tenha nenhuma finalidade com a repetição do movimento, este se faz necessário para que ela possa conhecer seu corpo, a extensão dele, como ela o sente e o vê, o bebê descobre suas mãos, seus pés, passa a observá-los e levá-los a boca. Um olhar psicopedagógico sobre essa repetição, é necessária para que a criança desenvolver sua modalidade de aprendizagem de maneira sadia. De acordo com Paín (1985), quando o ritmo da criança não é respeitado ou a necessidade que o bebê tem de repetir muitas vezes é interrompida, pode comprometer a sua modalidade de aprendizagem, e esta torna-se doentia. Sobre os movimentos repetitivos,

Mas estes diversos exercícios, reflexos que são a prenúncia da assimilação mental, vão rapidamente se tornar mais complexos por integração nos hábitos e percepções organizados, constituindo o ponto de partida de novas condutas, adquiridas com a ajuda da experiência. (PIAGET, 1991, p. 17)

Alguns movimentos que antes eram inatos, tornam-se movimentos voluntários, como a sucção, é involuntária, porém quando a criança conduz o dedo até a boca para chupar, esse movimento torna-se voluntário, já existe um domínio, uma coordenação do movimento entre a mão e a boca. Ainda nesse subestágio o bebê pode gargalhar diante de uma situação que lhe provocou prazer e satisfação, é comum os bebês gargalharem enquanto mamam. Fixam os olhos em rostos, e reconhece as pessoas que convivem diariamente, como pai e irmãos, mas reconhecem principalmente o rosto da mãe e conseguem se acalmar quando a veem. Ainda nesse subperíodo a mãe é a figura de maior importância e significado para o bebê, durante o processo do diagnóstico psicopedagógico essa relação é investigada, pois contribui significativamente para a construção das estruturas e das modalidades de aprendizagem. Lima (2002, p. 24) afirma que o bebê vivencia a sua grande primeira perda, que é o útero materno e por isso: “Até aprendermos a suportar nossa separação física e psicológica, a necessidade da presença de nossa mãe é absoluta. Sua presença representa segurança pois o paraíso de plenitude perdido que a criança deseja recuperar, é substituído por outro objeto: o seio materno.”

A coordenação de visão e apreensão e começo das reações circulares secundárias,
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

vai aproximadamente dos quatro aos oito meses e caracteriza-se por uma tomada de consciência do ambiente, ou seja, está mais relacionada ao meio externo. Nesse subestágio o bebê consegue agarrar e manipular objetos, pega todos os objetos que estão próximos ao seu alcance e consegue reconhecer alguns objetos e fixam a sua atenção por mais tempo em determinada atividade. A criança repete movimentos e comportamentos observando a reação e o efeito do que fazem, jogam objetos para ouvir o barulho, apertam determinado brinquedo para ouvir o som que faz, puxam o móvel. Segundo Piaget (1991, p. 18):

Basta que os movimentos, quaisquer que sejam, atinjam a um resultado interessante – interessante porque os movimentos são assimiláveis a um esquema anterior – para que o sujeito reproduza logo esses novos movimentos. Esta “reação circular”, como a chamaram, desempenha papel essencial no desenvolvimento senso-motor e representa forma mais evoluída de assimilação.

A criança faz o movimento manipulando o objeto, observa o resultado e o repete, por isso é chamado de reação circular, porque desencadeia uma série de movimentos repetitivos afim de observar os diversos resultados, derivando assim em novos esquemas, ou seja, novas aprendizagens. A criança observa que determinados gestos geram respostas dos adultos e já o fazem com consciência, por exemplo, levanta os braços e o adulto lhe dá colo. A linguagem começa a ser monossilábica, além dos balbucios a criança emite sons de sílabas simples, como: ma, da, gu, ba.

Nesse subestágio há um grande salto no desenvolvimento motor, a criança já senta, rola, algumas iniciam a posição e os movimentos de “gatinho”, ou seja, o início do engatinhar. Todo esse desenvolvimento motor do terceiro subestágio é muito significativo para toda a aprendizagem posterior do sujeito, pois os fatores que envolvem as habilidades motoras interagem com o desenvolvimento cognitivo e afetivo, além disso, o corpo fala, expressa, tanto a criança quanto o sujeito adulto utilizam o corpo para demonstrar o que sentem. No tratamento psicopedagógico investiga-se essa fase de desenvolvimento e todos os subestágios para saber se o desenvolvimento do atendido foi típico ou se durante o seu crescimento observou-se algum “atraso” ou comprometimento. Muitas vezes os problemas de aprendizagem que aparecem nos primeiros anos de vida escolar estão relacionados ao primeiro ano de vida da criança.

O quarto estágio, coordenação dos esquemas secundários, se estende do oitavo ao décimo segundo mês de vida, “[...] nele se observam atos mais complexos de inteligência prática” (GOULART, 2013, p. 33). A criança nesse subestágio tem intencionalidade, diferente do subestágio anterior onde a criança faz para observar o resultado, agora ela tem determinado comportamento “prevendo o resultado”, abre a caixa sabendo que vai encontrar o brinquedo, por exemplo. Pode-se observar um comportamento antecipatório, ele consegue de certa forma prever acontecimentos, como puxar a corda do móbil sabendo que este tocará uma música. Sua compreensão e sua linguagem está mais desenvolvida, compreende quando lhe chamam pelo nome, quando lhe é solicitado alguma coisa, por exemplo, o adulto fala: dá o pé para colocar o calçado, a criança levanta o seu pé, ou então, o adulto pede a criança determinado brinquedo, ela o pega e leva até o adulto. Começa a falar suas primeiras palavras isoladas, não forma frases, mas junta sílabas, como: mama, papa, au-au. Aponta o dedo para suas necessidades, como quando quer água, aponta para o copinho, ou quer mamar, aponta para o peito da mãe ou mamadeira. Acompanha o ritmo da música, dança, faz gestos conforme a música. Em uma perspectiva psicopedagógica esse “salto” de desenvolvimento que acontece nesse subperíodo é de suma importância, pois auxilia na formação das estruturas cognitivas de aprendizagem, como a capacidade de seriar, por exemplo. Quando a bebê tem um comportamento “prevendo” o resultado, está colocando em prática a capacidade de seriar os fatos.

O quinto subestágio denominado de diferenciação dos esquemas de ação por reação circular terciária, inicia por volta dos 12 meses e se estende até os 18 meses. Nesse período a criança começa a utilizar novos esquemas para atingir seu objetivo e descobre novos significados para as coisas. Ela já sabe que para o móbil cantar precisa puxar a corda, porém para acender a luz do móbil precisa apertar o botão. Nesse subestágio a criança já interage segundo algumas regras sociais, como dar tchau, mandar um beijo. Começa a andar e explorar o mundo a sua volta, período esse de grandes explorações e descobertas, o mundo antes desconhecido, tornou-se ao alcance das mãos. Sua compreensão e linguagem se encontram mais avançadas, pois os bebês compreendem instruções mais complexas e conseguem fazer relações. Além de juntar sílabas, o bebê começa a juntar palavras simples, é o início da formulação de frases simples, como quando está com sono: nenê naná, ou quando

está com fome: papa nenê. Essa intencionalidade do bebê nas suas ações e linguagem, a curiosidade as descobertas, são importantes para o desenvolvimento da capacidade criadora, quando não se respeita o tempo da criança, as suas curiosidades, necessidades de investigação e descoberta, pode-se prejudicar a sua modalidade de aprendizagem e esta tornar-se doentia, podendo assim resultar em um déficit lúdico.

O sexto subestágio é o início da interiorização dos esquemas, se estende por volta dos 18 meses e vai até aproximadamente os dois anos de idade. Nesse subestágio inicia a função da representação, a criança já consegue pensar, lembrar, planejar e resolver problemas sem o objeto. A criança consegue observar um “fato” e apresentar uma resposta. Por exemplo, determinado objeto sumiu, ela inicia uma procura pela casa em busca do objeto desaparecido. Nesse subestágio a birra torna-se presente e pode acontecer com bastante frequência, pois as crianças manifestam as suas necessidades de forma impulsiva e não tem domínio sobre suas emoções, momento esse que exige paciência dos pais e cuidadores da criança, pois é necessário colocar limites, ser firme, porém não violento, corrigir de forma violenta ou deixar a criança sozinha só lhe causará angústia e medo, esses sentimentos (angústia e medo) só irão atrapalhar a criança a aprender e a dominar as suas emoções.

O equilíbrio e a coordenação motora da criança já estão mais desenvolvidos e consegue fazer movimentos mais complexos, como correr, subir em cadeiras, se pendurar, andar e se equilibrar sobre uma linha, e passar por obstáculos. Sua linguagem está mais ampla e clara e com 24 meses pode chegar a ter um vocabulário de 50 a 100 palavras. A criança já possui alguns hábitos de higiene, como lavar as mãos, escovar os dentes, sempre com a instrução de um adulto, e principalmente começa a ter a auto regulação, ou seja, o controle sobre os esfíncteres, avisa quando faz coco e xixi, sente-se agoniada com a fralda, é neste período que inicia o desfralde, sempre respeitando o momento e a maturidade de cada criança.

Numa perspectiva psicopedagógica é neste subestágio que ocorre a interiorização de esquemas e para que esses esquemas não se tornem empobrecidos é importante que a criança receba estímulos, jogos e brincadeiras que enriqueçam o pensar e a resolução de problemas simples, como esconder um objeto, achar a peça correspondente, etc., porém não é saudável o excesso de estímulos pois impede a acomodação ou seja, a efetivação da aprendizagem, é necessário respeitar o tempo e a necessidade da criança de descobrir e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

investigar. Além disso é necessário um ambiente equilibrado para que a criança aprenda a nomear as suas emoções e a controlá-las.

A fase sensório-motor é marcada por grande desenvolvimento e crescimento, por inúmeras descobertas e aprendizagens. É necessário conhecer e tornar conhecido os marcos dessa fase para que a criança seja respeitada em cada processo e conflito que irá passar durante esse período, por uma infância mais saudável.

5 CONCLUSÃO

De acordo com os objetivos delineados na seção introdutória do presente artigo, todos foram respondidos com êxito, pois dado o exposto, podemos afirmar que os bebês de 0 a 24 meses são sujeitos aprendentes, de direitos e que possuem uma particular maneira de aprender, cada fase precisa ser respeitada, para que seu desenvolvimento seja saudável. Cada estágio requer estímulos específicos, e podemos observar conforme os estudos realizados que os bebês aprendem quando interagem com o ambiente ou com o objeto, só existe aprendizagem com interação, pois é nessa interação que a criança cria, constrói suas próprias hipóteses, onde a aprendizagem é consolidada.

Quando o bebê nasce, ele é recebido em um mundo com uma cultura estabelecida, e este novo ser, ainda não possui tudo que precisa para lhe garantir a sobrevivência neste mundo e nesta cultura, inicia uma vida de desenvolvimento pós-uterina, onde ele precisa do outro para sobreviver. Esta interação com o outro garante ao recém-nascido um lugar nesse mundo, e a mãe é a primeira responsável por essa interação e é nesta relação mãe/bebê que acontecem as primeiras aprendizagens e relações com o mundo. A mãe é o mundo do bebê e este reage a tudo que recebe da mãe. Esta relação é de fundamental importância para que esta criança tenha uma modalidade de aprendizagem sadia, para que cresça segura de si, para que aprenda e se desenvolva de maneira saudável.

Na visão psicopedagógica, a relação positiva entre mãe e bebê é uma das atribuições mais imprescindíveis que a mãe pode fazer nos primeiros anos de vida de um filho, pois ela vai possibilitar uma estrutura para o desenvolvimento de suas aprendizagens saudável ou não. No qual é necessária uma gestação sadia, estar bem física e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº1, janeiro/junho - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

psicologicamente, assim como realizar uma alimentação adequada, sem o uso de álcool e drogas, pois uma maternagem desequilibrada e desestruturada afetam diretamente o feto, propiciando ao bebê dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento.

Cada subestágio da primeira fase do desenvolvimento traz clareza sobre a importância de conhecê-los e respeitar o tempo de cada criança, embora existam características típicas para cada subestágio observando se não há nenhum comprometimento.

Faz-se necessário pesquisas futuras sobre o tema apresentado, pois na literatura científica existem poucos estudos relacionados ao olhar do psicopedagogo para o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês de 0 a 2 anos. Como sugestão, a futuros e futuras pesquisadores/as, que desenvolvam pesquisas científicas mais aprofundadas, ou seja, com pesquisa de campo ou estudo de caso.

REFERÊNCIAS

ABPp Associação Brasileira de Psicopedagogia. **O que é Psicopedagogia?** Disponível em: <<http://www.abpp.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

BAZANELLA, André *et al.* **Metodologia científica**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia clínica e institucional**. Disponível em: <<http://www.nadiabossa.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

_____. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Tradução: Iara Rodrigues, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONTANA, Roseli. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização do professor**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LIMA, Taís. **A primeira ensinante.** Mãe e filho e as relações de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2002.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Tradução: Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Tradução: Profª Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 18 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

REICHERT, Evânia. **Infância a idade sagrada:** anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos. 5.ed. Porto Alegre: Vale do Ser, 2016.

SARNI, Roseli; SUANO, Fabíola. **De 0 a 1000:** os dias decisivos do bebê. São Paulo: Abril, 2017.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.